



ORACULA 5.9 (2009)
ISSN: 1807-8222

O APOCALIPSE JOANINO¹

Johan Konings

Nesta conferência apresentarei, como matéria de debate, algumas reflexões sobre a tradição e a redação do apocalipse joanino, não, porém, como contribuição da análise diacrônica, mas em vista de uma leitura sincrônico-estutural.

As tradições por trás do apocalipse joanino

É evidente que o apocalipse joanino (Ap) não é alheio à literatura apocalíptica que se desenvolveu, sobretudo a partir do séc. II AEC. Chama a atenção, porém, o fato de que não se encontram, no Ap joanino, maciças analogias com os apocalipses extracanônicos, embora haja coisas que lembram Henoc e, sobretudo a literatura martirológica macabeica. Em compensação, a referência aos Salmos, a Gn e Ex, a Is, Ez, Zc e Dn é constante, com nítida influência do texto da Septuaginta. Isso já é um indício para situar este livro na proximidade da sinagoga cristã de língua grega e para ver no Ap antes um livro cristão que uma mera releitura de um apocalipse judaico, como no passado se tem pretendido.

Os livros de Jubileus e Henoc não eram desconhecidos no ambiente do autor², mas não são a base estruturadora de seu imaginário. As bases veterotestamentárias de Ap estão em Dn 7 e 12, e, a nosso ver, principalmente no livro de Ez, mais especificamente na visão do trono (Ez 1) e na utopia final (Ez 40-47). É também de Ez que o Ap colheu a importantíssima visão do livrinho engolido pelo profeta (Ez 3) e o

¹ Conferência pronunciada no IX *Seminário de Estudos de Apocalíptica*. São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, novembro de 2008.

² Cf. ARENS, E.; DIAZ MATEOS, M. *O Apocalypse a força da esperança: estudo, leitura e comentário*. São Paulo: Loyola, 2004, pp. 56-59.

lamento sobre Babilônia (Ez 26-28). Contudo, em Ez, o trono tem quatro rodas, em Ap não; não se desloca até o rio Cobar, junto aos exilados, nem volta com eles ao Templo dos sonhos do profeta. No Ap, Deus e o Cordeiro presidem no trono imóvel a historia universal, e os rejeitados da terra, os mártires, estão em todo lugar. Babilônia é Egito, Jerusalém, Roma. E se em Ez o santuário faz da cidade o lugar de Deus com os homens (Ez 48,35), na Nova Jerusalém do Ap Deus e o Cordeiro são o santuário.

A raiz mais profunda, porém, do apocalipse joanino, se reconhece na própria tradição cristã, e sua associação à tradição do evangelho e das cartas joaninas não precisa ser afastada. Pelo contrário, como muitas vezes tem sido observado, a imagem do Cordeiro, o título de Palavra de Deus dado a Jesus, a freqüência da terminologia do testemunho (*martyria*) e muitos outros traços confirmam os testemunhos patrísticos nesse sentido. Claro, a linguagem e o gênero literário fazem o Ap parecer distante do evangelho e das cartas, mas diferença de linguagem constata-se também entre Rm e 1Cor. Observe-se também que, pela resistência que o Ap encontrou no processo de canonização, ele não foi submetido aos melhoramentos lingüísticos que os demais escritos do NT receberam no seio da grande Igreja... E quanto ao gênero literário, lembramos que Bach compôs tanto o *Notenbüchlein* como a *Kunst der Fuge*, a *Bauernkantate* e a *Matthäuspasion*; que Picasso pintou tanto as crianças do circo como Guernica; e que Machado de Assis escreveu tanto românticas (e desconhecidas) poesias como o romance surrealista Quincas Borba...

Sem urgir contato direto entre o evangelho e as cartas de João, por um lado, e o Ap por outro, podemos, contudo, situá-los na mesma corrente de tradição: o Cordeiro, o maná, a ceifa, o novo santuário³, a instrução por Deus, a presença de Deus junto a seu povo, a revelação em sinais, as dores do parto, a imagem das esponsais, anjos servindo junto ao trono⁴, a *shekinah* e o *skēnein*... luz e trevas, vida e morte... tudo isso evoca o mesmo imaginário, o mesmo universo - universo de certos judeus que confessavam Jesus como Messias e Filho de Deus⁵.

³ Como a Carta aos Hebreus, Ap utiliza exclusivamente o termo *naos* (correspondente ao hebr. *debir*) para falar do Templo. Assim também os evangelhos nas palavras de Jesus sobre destruir e reconstruir o Santuário. O Templo como conjunto não interessava aos cristãos.

⁴ Jo 1,51, cf. Gn 28,12.

⁵ Mais em BÖCHER, O. Das Verhältnis der Apokalypse des Johannes zum Evangelium des Johannes. In: *L'Apocalypse johannique et l'apocalyptique dans le Nouveau Testament*. Leuven: University Press, 1980, pp. 289-301. Cf. PRIGENT, P. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993, pp. 436-438.

Evidentemente, há diferenças entre a maneira em que o evangelho joanino e o Ap articulam suas respectivas mensagens, diferenças como existem entre nossos teólogos da libertação. Mesmo assim, essas diferenças não revelam contradição. Em Ap, a escatologia *parece* mais futurista que em Jo, pelo menos segundo a recomposição deste escrito por Bultmann... Mas nenhuma das duas obras é futurologia! Ambos apontam, numa visão supratemporal, a presença-já daquilo que Dn 12 anuncia. É na decisão pró ou contra Jesus que se decidem vida e morte... E se em Jo o Logos parece sapiencial – se não filosófico, como durante muito tempo se tem pensado – em Ap ele aparece como cósmico e guerreiro. Mas em ambos os escritos ele é “decisivo”, cortante como a palavra que sai da boca do Altíssimo (cf. Ap 19,5; Is 49,2). Talvez o Ap nos ajude a desontologizar o Logos do Prólogo, que é uma pessoa histórica que fez sua morada entre nós (Jo 1,15). Reciprocamente, o Prólogo do evangelho pode também nos ajudar a entender que o símbolo bíblico da luta do Cavaleiro-Palavra de Ap 19, não remete a qualquer Santiago Matamouros⁶, mas evoca a luta pela sabedoria, pela verdade, pela justiça e pelo amor fiel de que a literatura joanina transborda⁷. Intertextualidade é isso aí! E finalmente, que a cristologia do evangelho seja mais alta e, portanto, mais recente que a do apocalipse joanino é uma tese insustentável para quem conhece a messianologia do judaísmo recente desenterrada nas grutas de Qumran⁸. Acentuada assim a proximidade entre o evangelho e o apocalipse joaninos, surge o pensamento de que Jo 1,51 poderia ser o *release* de imprensa anunciando, não apenas os sinais narrados no evangelho, mas também o livro do Apocalipse...

A razão mais profunda para situar o Ap primordialmente no ambiente da *ekklesia* “joanina” – a sinagoga dos “verdadeiros israelitas” como Natanael⁹ - é que ele constitui, no seu conjunto, uma contemplação daquilo que o querigma cristão anuncia: a morte na cruz e a ressurreição de Cristo, poderosamente sintetizadas na imagem do Cordeiro imolado e em pé, imagem que só o surrealismo e a fé cristã podem explicar... E lembramos, de passagem, que a representação da *hypsōsis* kirial de Jesus a partir de sua *kenosis* já existia antes de ser escrita a Carta aos Filipenses.

Ao evocar o pano de fundo tanto veterotestamentário quanto cristão do apocalipse joanino, cabe uma observação metodológica que valoriza a abordagem

⁶ O apóstolo Tiago Maior que aparece na Espanha medieval cortando as cabeças dos mouros.

⁷ O cavaleiro é chamado fiel e verdadeiro, Ap 19,11.

⁸ Veja a conferência de César Carbullanca Núñez pronunciada neste Simpósio.

⁹ Os falsos israelitas são mencionados em Ap 2,9; 3,9.

traditionsgeschichtlich e *themageschichtlich* da linguagem e simbologia apocalíptica. Não basta reconhecer os elementos da imagem, é preciso observar a história traditiva desta. Os gafanhotos de Ap 9 não se conhecem pelos manuais de zoologia, mas pelas tradições que se criaram a partir dos livros de Ex e Jl. E a evocação de uma imagem da tradição anterior não obtém seu efeito performativo pela exatidão e completeza descritiva, e sim, pela força evocadora, a significação já atuante no ambiente traditivo, mais ou menos como as “citações” cinematográficas de filmes antigos, em outros mais recentes, evocam um conjunto significativo que não precisa ser novamente mostrado por inteiro.

Livro de leitura “pictural”

Depois dessa breve evocação geral do pano de fundo na tradição do cristianismo primitivo, quero dizer que, para fins didáticos e pastorais, o Ap se apresenta como objeto por excelência à leitura sincrônica, mais precisamente, à leitura pictural, como se lê uma pintura ou um afresco. O livro se destinava à preleção no culto de tipo sinagoga, onde os ouvintes conheciam as grandes tradições de sua comunidade, ou seja, a Lei e os Profetas e, no caso da sinagoga cristã, o querigma cristão, numa forma bastante elaborada, próxima dos evangelhos, especialmente do evangelho joanino¹⁰.

Como o texto de Ap está enquadrado numa liturgia, podemos supor que há uma forte interação performativa entre seus diversos componentes, mais ou menos como o efeito do conjunto que é produzido por um grande afresco, como na Capela Sixtina ou, em dimensões mais modestas, no forro de nossas igrejas barrocas de Ouro Preto... A simultaneidade dos elementos que compõem essa liturgia sugere também que não devemos ver o conjunto à maneira de uma sucessão cronológica, muito menos de uma futurologia.

Os diversos elementos – os quais se ilustram mutuamente - não pressupõem conhecimentos enciclopédicos. Mesmo os que lembram outros textos apocalípticos são, para quem está dentro desse ambiente, acessíveis por si mesmos: são arquétipos, símbolos como luz e trevas, cataclismos e visões de glória e majestade, que não necessitam de dicionário para serem imaginadas pelo ouvinte. E os elementos que podem ser esclarecidos a partir da tradição bíblica anterior sobejamente conhecida dos

¹⁰ Não necessariamente na forma da redação final.

destinatários - como as duas testemunhas - são suficientemente claros em si mesmos para transmitir, no quadro do conjunto inteiro, a sua mensagem.

A partir de cada elemento, o olhar volta sempre para a visão que preside o conjunto, o trono e o Cordeiro, que fazem que tudo gire em torno do querigma cristão da *kenosis* e *hypsōsis* de Jesus, o Cristo. Se me coubesse pintar o forro de uma igreja barroca, colocaria acima do arco-mor a visão do trono e do Cordeiro que foi imolado mas está em pé, no centro do forro, a visão da Mulher e do Dragão e num friso em torno, as sete igrejas e Jerusalém celeste.

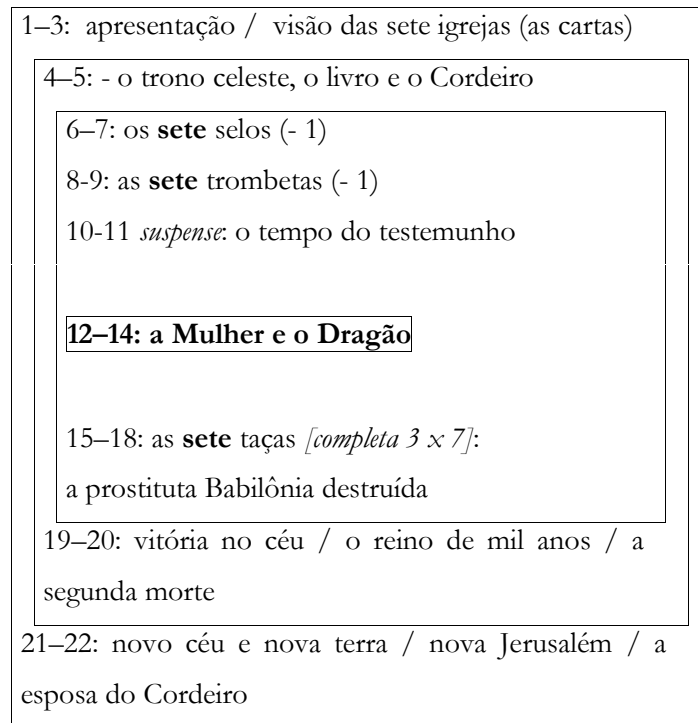
A estrutura estática e dinâmica do Apocalipse

Examinemos agora de perto a estrutura do texto em seu conjunto, a teia de relações que produz o sentido.

Estrutura estática

Temos primeiro uma estrutura estática: a posição dos diversos quadros no conjunto. Esta estrutura, na forma da redação final do texto, é simétrica, como foi observada por muitos comentadores¹¹.

¹¹ Um esquema semelhante é mencionado como alternativa na introdução do Apocalipse em ALONSO SCHÖKEL, L. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 2943.



Percebe-se entre os caps. 1-3 e 21-22 a seguinte correspondência, permitindo que se fale em inclusão ou emoldramento: o “eu, João” autoral, a semelhança entre as recompensas prometidas ao vencedor em 2-3 e as dádivas do novo céu e da nova terra em 21-22, e, sobretudo, o acento eclesial, as igrejas da terra no início e a nova Jerusalém descida do céu no fim. Nova Jerusalém que é também a recompensa da igreja de Laodicéia, em 2,12. Além disso, a apresentação “daquele que vem” e a invocação final dele, situando tudo numa atmosfera de esperança escatológica.

Semelhantemente pode-se paralelizar a visão do trono e do Cordeiro, plenipotenciário da história (abertura do rolo), em 4-5, com a vitória do Cordeiro e o reino dos justos evocados em 19-20.

A parte central é constituída pelo apocalipse propriamente, os caps. 6-18, que dá prova de um artesanato muito inspirado e tecnicamente bem executado, testemunhando um “espírito divino de sabedoria” como o de Besaleel (Ex 35,31). Esta parte central exhibe internamente uma simetria dinâmica. No meio se situa a visão (o “sinal”) da Mulher e do Dragão (12-14). Nos caps. 6-11, duas séries de sete sinais, cada vez interrompidas no início do sétimo, nos conduzem até o grande quadro central. Neste, se mostra que o Dragão, embora em plena ação na terra com a ajuda das duas feras, não

consegue suprimir o povo de Deus, representado pela Mulher que gera o Messias. Esta visão, referente ao tempo intermediário, culmina na visão do juízo, que novamente se desdobra em sete sinais, as sete taças, completos em número e completando numa tríade as duas séries iniciais. É a plenitude. Esta parte central (6-18) é permeada, no início, por suspenses que evocam a demora da parusia, o tempo da martíria (sobretudo cap. 10-11); e no fim, pela irônica elegia sobre o Império que caducou (cap. 18).

Nos últimos capítulos (19-22) reencontramos, então, a dupla moldura de que já falamos.

Estrutura dinâmica

A estrutura estática não é performativa sem o movimento dinâmico que ela sugere.

Na estrutura dinâmica convém observar em primeiro lugar a dupla temporalidade; por um lado, a supratemporalidade daquele “que é, que era e que vem”, ampliação do *ehyeh asher ehyeh*, do “eu sou” do êxodo, do Dt-Is e do evangelho joanino, mas também de “aquele que vem”, o Messias; por outro lado, a temporalidade histórica representada pelas visões numeradas (as séries de sete) e pela descrição narrativa da luta da Mulher e do Dragão. No desenrolar das visões, a temporalidade histórica é, vez por vez, reconduzida à supratemporalidade, mediante as visões do trono e da liturgia celestial, na qual ressoam os hinos dos celestiais e dos mártires.

A essa dupla temporalidade corresponde uma dupla visualidade. Os dois olhos do visionário lhe permitem ver em profundidade; mas é como se nosso apocalíptico fosse um pouco vesgo, olhando com um olho para a terra e com o outro para o céu ao mesmo tempo. E assim, ele vê o que os outros não vêem - como Balaão em Nm 22-24 - e nisso consiste seu carisma de visionário. Ele vê que, no céu, as coisas são diferentes daquilo que acontece aqui na terra. Ou melhor, as mesmas realidades se apresentam em outra dimensão. Se aqui os mártires morrem, no céu eles participam da liturgia supratemporal do Cordeiro. Se aqui as feras estão soltas, a visão profética enxerga sua derrota.

Podemos chamar essa estrutura dinâmica de surrealista, no sentido de que ela mostra um “super”, um excedente da realidade. O surrealismo representa

pictoricamente a imaginação, o sonho, e é caracterizado pela ausência da seqüência cronológica e espacial, bem como pela representação de diversas dimensões e faces ao mesmo tempo. É exatamente o que acontece no Ap joanino. O cinema e o *videoclip* são hoje em dia os meios que melhor permitem esse tipo de evocação. Neste sentido, podemos dizer que vivemos “tempos apocalípticos”.

Parece-me que, nesta abordagem, as diversas cenas da história (geralmente da história já passada ou presente¹²) não constituem propriamente uma ordem cronológica identificável com fatos sucessivos, mas são evocações de “coisas que estão acontecendo e podem acontecer bem em breve” (1,1.19), pouco importa a ordem. Olha-se para as figuras do afresco no forro da igreja na ordem que a posição e o pescoço permitem, mas o olhar volta sempre ao afresco central, a Mulher e o Dragão, e ao quadro que encima o arco-mor, a visão do trono e do Cordeiro imolado e em pé, entronizado e glorioso. Estes dois quadros, juntamente com a moldura geral das sete igrejas e da Jerusalém celeste, determinam a perspectiva dos outros quadros, das “coisas que acontecem”.

A meta-estrutura pré-canônica

O Ap joanino demonstra ainda outra característica surpreendente: pretende ser lido no conjunto das Escrituras de Israel, melhor, como encerramento ou fim das Escrituras. A enorme quantidade de referências e alusões ao AT já aponta nesse sentido. Aparece como o livro do “sentido pleno” das Escrituras. Aparecem assim os temas do novo êxodo, a atualização dos textos proféticos etc., conferindo ao Ap, como a outros escritos do NT, a temporalidade do cumprimento. “Quando se ouvir o sétimo anjo tocar a trombeta estará cumprido o mistério de Deus... conforme anunciou aos seus servos, os profetas” (10,7).

Mais claramente, porém, tal significado é sugerido pela inclusão que une os primeiros capítulos do Gênesis (criação e paraíso) aos últimos capítulos do Ap (a nova criação), inclusão que leva de carona o tema do Santuário, que é a dobradiça central do Pentateuco (Ex 25-50) e o pano de fundo da releitura ezequieliana que alimenta o apocalipse joanino. Significativamente, como Ez 41-42LXX, Jo 2,19-21 e Hb, o Ap não usa o termo templo, mas santuário (*naos*).

¹² Assim, as cenas evocadas nos quatro primeiros selos nada tem de futuroológico; já conhecemos tudo isso em nossa história de sempre. O mesmo se diga daquilo que é evocado na visão da Mulher e do Dragão.

Desde o início a Igreja teve certa percepção do arco que une Gn a Ap, quando colocou o Ap – mesmo que não aceito por todos – no fim do cânon. Deerto, a colocação no fim do cânon pode ter tido outras razões: a interpretação futurística (como profecia do que haveria de acontecer) ou o fato de Ap ter alcançado a canonicidade por último. Mas é bastante provável, e um exame atento da literatura patrística poderia comprovar isso, que a Igreja do tempo sub-apostólico percebeu o arco estendido entre Gn e Ap.

Ora, esse arco, que agora inclui também os escritos canônicos cristãos, tem valor hermenêutico. Confirma que para o leitor cristão o Cordeiro imolado e em pé, Senhor da história, é o fim das Escrituras, *telos*, no sentido de encerramento, mas, sobretudo, *arché*, princípio de interpretação e de nova abertura de sentido. Pela visão do Apocalipse, as Escrituras abrem uma nova perspectiva sobre a história, sobre o evento do Messias¹³ e sobre a comunidade que se reveste com o linho branco das obras de justiça dos santos (Ap 19,8). Daí a importância da visão do livrinho, sentido pleno da visão semelhante em Ez.

*

Estas considerações pedem para serem completadas no sentido de estudar, no afresco evocado, o uso artístico dos temas e motivos veiculados pelas tradições cristãs e apocalípticas que se encontram integradas na obra. A abordagem acima exposta não exclui outras abordagens sincrônicas, de tipo literário-lingüístico. Em todo caso, em se tratando de *visões* que extrapolam o tempo narrativo, a abordagem visual-pictural pode trazer algum enriquecimento interpretativo que capaz de encontrar acolhida na era cultural que estamos iniciando.

¹³ Comparável à releitura messiânica das Escrituras a que alude Lc 24,13-35.